



Educação com diversidade, sociedade com sustentabilidade

Education with diversity, society with sustainability

Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante¹

Página | 1

⁽¹⁾Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Coordenadora da Equipe de Estudos e Educação Ambiental da UEFS. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UEFS).

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 27 de agosto de 2019; Aceito em: 29 de agosto de 2019; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: O texto é uma expressão das reflexões realizadas a partir do convite para realizar uma palestra no IX Encontro Científico e Cultural (ENCCULT) em Maceió em agosto de 2019. O tema “Educação com diversidade, sociedade com sustentabilidade” foi dividido em duas partes, a primeira na provocativa questão da Educação para a Diversidade, levando em conta a nossa realidade desafiadora. A segunda parte, transita na perspectiva da constatação de que dentro deste cenário desafiador, a sustentabilidade torna-se uma meta de difícil alcance. Ao final do texto, questiono ser a sustentabilidade um sonho pouco possível neste universo enviesado de mercantilização da política e da educação hegemônica, a ela atrelada, mas falando de esperança, defendo ser a perspectiva transgressora da cultura e da educação um caminho possível mediante as estratégias de *comunicação com o mundo do outro*. Para encontrar as possibilidades de fortalecimentos de contra hegemonia, temos as pistas possíveis: na ciência socialmente referenciada, na educação de responsabilidade social, na cultura de reconhecimento da diversidade, nas organizações e lutas coletivas e ... na consolidação da democracia.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Diversidade, Sustentabilidade.

ABSTRACT: The text is an expression of the reflections made from the invitation to give a lecture at the IX Scientific and Cultural Meeting (ENCCULT) in Maceió in August 2019. The theme “Education with diversity, society with sustainability” was divided into two parts, the first on the provocative issue of Education for Diversity, taking into account our challenging reality. The second part, transits from the perspective that within this challenging scenario, sustainability becomes a difficult goal to reach. At the end of the text, I question that sustainability is a little possible dream in this biased universe of commodification of hegemonizing politics and education, linked to it, but speaking of hope, I argue that the transgressive perspective of culture and education is a possible way through the strategies of communication with the other's world. To find the possibilities of strengthening counter-hegemony, we have the possible clues: in socially referenced science, in education of social responsibility, in the culture of recognition of diversity, in organizations and collective struggles, and in the consolidation of democracy.

KEYWORDS: Education, Diversity, Sustainability.

INTRODUÇÃO

Com o convite para na palestra de abertura do XV Encontro Científico e Cultural (ENCCULT) em Maceió¹ este ano (2019), sobre o tema “Educação com diversidade, sociedade com sustentabilidade”, fiquei por dias em um círculo de reflexões que pareciam não sair do lugar, haja vista o conteúdo abrangente e desafiador que me colocou sob o risco de não conseguir contemplar de forma eficiente todas as implicações que sugere quando na relação com a sociedade brasileira e seus desafios contemporâneos.

A começar pela constatação de que falar de Diversidade em Alagoas, é uma grande responsabilidade. Alagoas é a terra da pluralidade, da riqueza étnica, histórica, estética e de lutas sociais.

Alagoas nasceu da ganância e da dor, em berço de guerras. Desde que os colonizadores aqui desembarcaram para extrair riquezas, a força dos escravos foi explorada e sua rebeldia combatida. O exército lançado para capturar os fugitivos era de índios dominados pelos portugueses, e que bem serviram como facão para abrir caminhos no território desconhecido. [...] Para dominar Alagoas, o colonizador luso primeiro teve de vencer o elemento indígena; depois o elemento negro concentrado em Palmares. Entre um e outro, o luso-brasileiro enfrentou a invasão holandesa” resume Manuel Diegues Júnior, em o Banguê das Alagoas, dando ênfase: “Foi ensopando-a em sangue que se adubou a terra para as plantações de cana-de-açúcar (SERQUEIRA, 2016, p. 25).

O trecho da reportagem de Serqueira, resume, como uma cicatriz exposta, o tamanho da complexidade que o tema da Diversidade sugere em um lugar como Alagoas, que não muito diferente de todo o Brasil, teve seu percurso sociocultural construído e afetado pelos ditames da violência cultural, simbólica, territorial e física que emolduraram o país na sua história e até hoje ajuda a editar seu presente e futuro.

Penso que educação, diversidade, sociedade e sustentabilidade são categorias complementares e desafiadoras que transitam em territórios de disputa em uma sociedade que paradoxalmente insiste em acreditar em uma suposta harmonia inventada e reconstruída historicamente, na perspectiva do mito da “cordialidade brasileira”. Sérgio Buarque de Holanda já anunciava as contradições do Brasil de perfil escravocrata que desde sempre estabelecia acordos nas relações de compadrio que se sobrepunham “à impessoalidade das leis e das normas”. (OLIVEIRA, 2018)

No Brasil, a diversidade é um tema tensionado entre a experiência, a história, os silenciamentos, e a suposta harmonia sócio cultural. A educação está implicada neste

¹Disponível em <https://www.enccult.org>. Acessado em 25 de agosto de 2019.

processo confuso entre a coloca no jogo entre a identidade - *quem sou eu* - e as diferenças - *quem sou eu diante do outro diferente de mim* (HALL, 2007). A educação ajuda ora a esclarecer, ora a ofuscar os dilemas de uma sociedade que não consegue acertar as contas com as mazelas da sua história, rumo a padrões civilizatórios a custos altíssimos. O tema da Diversidade esteve historicamente relacionado ao tema da exclusão na escola, e pensar a sustentabilidade neste espectro de sociedade, torna-se um horizonte cada vez mais longínquo e desafiador... ainda que, admito, cada vez mais necessário!

Daí que neste texto, o olhar oscila entre o recado da esperança em torno do debate da educação e da sustentabilidade, e a mensagem provocativa em nome das inúmeras contradições que a tornam tímida e ressabiada (ela, a esperança). Busco trazer neste texto, a alma educadora de quem acredita que, numa sociedade de classes, o conflito social não é o único problema em si, mas faz parte de um emaranhado maior que não possibilita o enfrentamento de suas bases, o disfarce de suas causas e o desmerecimento das suas consequências para a sociedade plural e desigual. Sendo assim, esta fala busca a reflexão a serviço de um debate educacional de responsabilidade social, que creio, está combinando com um evento como este, de caráter acadêmico, científico e cultural.

Para organização do texto, a primeira parte desta reflexão, situa-se na provocativa questão **da Educação para a Diversidade**, levando em conta a nossa realidade desafiadora. A segunda parte, transita na perspectiva da constatação de que dentro deste cenário desafiador, **a sustentabilidade torna-se uma meta de difícil alcance**. Isto é apenas um exercício heurístico, tendo em vista que na sociedade, estas partes estão em uma dinâmica conjunta que se misturam e se entrelaçam, independente do discurso que anunciamos.

Penso que no debate da relação cultura, sociedade e educação, não há mais tempo de acordos confortáveis no Brasil do século XXI. O tempo demanda um olhar instigante sobre a realidade e suas cicatrizes abertas, a diversidade é nossa riqueza, a sustentabilidade nosso olhar longínquo e tenso... e a atual conjuntura, tem nos ilustrado isto de forma nada sutil e por vezes muito perversa.

Como professora pesquisadora da área de educação, transito no ensino, pesquisa e extensão nos campos de estudo da Educação do Campo, Educação Ambiental e Educação Popular. Estes campos epistemológicos por sua vez, dialogam com temas como políticas e práticas de formação de professores/educadores populares. Estou, portanto, falando a partir das ciências humanas. E dentro deste arcabouço, costumo dizer que transito na

“periferia” da periferia dos estudos acadêmicos validados pela hegemonia. O tema dos excluídos estão à margem do que Arroyo (2012) classifica como “o latifúndio do saber”.

Na perspectiva dos estudos da educação do campo e da educação ambiental, as relações desequilibradas entre territórios/regiões/campo/cidade interessam, assim como suas perspectivas educacionais carregadas de diversidade e preconceitos sejam eles de classe, de etnias, de gênero, de biomas, de religião, de gerações...o leque é amplo, multifacetado e quase sempre se encontra comungado com a palavra Desigualdade. Minhas enseadas acadêmicas com o tema da Diversidade portanto, revelam um interesse específico na análise de micros e macros aspectos da relação sociedade e estado, sejam elas costuradas entre sujeitos e agências – e/ou sociedade e sujeitos, como diria Bourdieu (2004)

SOBRE A EDUCAÇÃO COM DIVERSIDADE, ESTA REALIDADE DESAFIADORA

Recentemente trabalhando com o filme francês em sala de aula intitulado “Entre os Muros da Escola” de Laurent Cantet (2008), que traz como cenário os desafios de lidar com a diversidade e as diferenças sócio culturais em uma escola pública na França do século XXI, fui mapeando as impressões dos licenciandos sobre a questão da “diversidade”.

O filme é interessante como recurso didático na licenciatura porque ele desafia os/as expectadores para pensar o encontro dos sujeitos nas dinâmicas pedagógicas frente à relação com o outro diferente de si e ao mesmo tempo perto/junto o suficiente para compartilhar/disputar o espaço, a dinâmica das relações de poder, as idiosincrasias das culturas, os deveres na sociedade de direitos (esta que por sua vez, é permeada pelos apelos da sociedade de consumo).

A diversidade expõe o processo de identidade em construção, a partir da relação que estabeleço com aquele que é diferente de mim. (HALL, WOODWARD & SILVA, 2007).

O filme de Laurent é deslanchado em cenários agoniantes de conflitos sociais contemporâneos, com seus dissensos culturais, “falta de chão” frente à realidade concreta, horizontes nublados entre presente e futuro...tudo isto trazendo à tona o debate das identidades, da diversidade, das diferenças, da desigualdade social, dos

sujeitos e das geopolíticas vivenciado no território da escola, este lugar que quase sempre confunde, de forma cínica, a diversidade com a caricatura, a inclusão com o enquadramento.” Com o filme, o espectador/a se encontra diante da incômoda reflexão pedagógica, de que a diversidade e a consciência do seu significado frente às relações desiguais, é uma faceta da vida real que ganha pulso à medida que ganha expressão e voz contra hegemônica. Nesta tensão social, desvela-se o não dito, revela-se o subtendido, desnuda-se o encoberto! Os diferentes ao se anunciarem como tal, incomodam à hegemonia, quando desarmonizam o supostamente harmonioso, tensionam o supostamente “natural”. A diversidade convive lado a lado com as desigualdades, com os dissensos presentes na sociedade, ela colore o cinzento, e atrai o olhar sobre os significados da representatividade historicamente roubada, em uma nação que tem na história três séculos de escravidão.

Como este legado de sociedade plural, a educação traz a possibilidade de, ora dar luz ao colorido vivo intenso, marcante, presente no tema da diversidade, ora embaçar o desconforto deste convívio na sociedade desigual. A educação pode ser, portanto, a estratégia de enunciação do poder da diversidade, assim como pode ser uma estratégia de negação da potencialidade ali exposta, com a tentativa exaustiva de torná-la homogênea e branda, experimentando o fenômeno educacional de sorrateiramente tentar incluir os “excluídos do interior”. (BOURDIEU, 1990), com discursos cordiais ao tempo que opressivos.

Analisando esta cilada da faceta educacional, Brandão (1981) já nos alertava, na década de 80 que **a força** da educação está na sua capacidade de “produzir crenças e ideias que envolvem símbolos e poderes que em conjunto constroem tipos de sociedades”. E por sua vez, **a fraqueza** da educação, ainda segundo o autor, está *na vulnerabilidade em ter interesses políticos impostos sobre ela à sociedade que habita, via o exercício dos educadores nas agências, nas práticas e nas ideias que professa* (BRANDÃO, 1981, p. 11).

Penso que o desafio no campo da educação é compreender o nosso papel como educadores, dentro das suas ambiguidades e armadilhas. É perceber a sua força e enfrentar a sua fraqueza, é desnudar a sua conexão com as relações de poder que massacram e desorientam, e encontrar caminhos possíveis para ancorar as lutas sociais e a capacidade de discernimento frente aos desvios civilizatórios circundantes e impiedosos. Uma das nossas possibilidades é acreditar nos diversos formatos em que a educação encontra ressonância e como (seja em processos de escolarização,

institucionalização, organização social, vida cotidiana...), ela se esbarra com elementos importantes que deflagram condutas, expressões, juízos de valor, ações políticas e/ou até mesmo lutas sociais... Para tanto, ela não trabalha só, mas conta também de forma irrefutável, com a intervenção da **cultura** como ponto chave na relação educação e sociedade.

A cultura manifesta ou introjetada na vida dos coletivos e dos indivíduos edita as interpretações da vida em sociedade. A educação busca elucidar os efeitos da cultura e compreendê-la em seus múltiplos aspectos que transitam entre a diversidade a desigualdade de forma quase imperceptível. Os mitos que nos assombram o cotidiano, que assolam nossa realidade, e que passeiam de forma jocosa sobre nossas linguagens e percepções, são passados pela cultura, reforçados pela educação. A título de evidência, podemos citar os mitos da “democracia racial”, da “natureza abundante”, da “cordialidade nacional”, do “jeitinho brasileiro” ... todos tão cantados em prosa e versos, entre o deboche e a expectativa da dita “identidade nacional”.

Chico de Oliveira (2018), ao analisar a construção do estereótipo do “jeitinho brasileiro”, acreditava ser este um indicador da falência da nossa capacidade de lidar com o regulatório de forma emancipatória. Para ele, o jeitinho brasileiro nasceu inicialmente das contradições entre uma ordem liberal formal e a realidade escravista “o jeitinho brasileiro se transformou em código geral de sociabilidade” (OLIVEIRA, 2018, p. 144). O jeitinho brasileiro atravessa as classes e os coletivos identitários e se anuncia como estratégia eficaz de boicotar o regulado em nome de alguma emergência particularizada e pontual (ex. a fila que se fura, a vaga que se ocupa sem o direito à vaga, a terra que se amplia, a regra que se burla, “o deixa disto” ...), tudo isto com expressões de urgências personificadas a serem resolvidas em micros e macros contextos, moldando as regulações a partir da regra por si e para si. Vemos que o “jeitinho” avança quando as culturas políticas e os direitos sociais ficam patinando no exercício da vida democrática e compartilhada, no difícil entendimento e aceitação de que direitos sociais são também, perdas necessárias de privilégios (TELLES, 1999).

Tais desvios socioculturais de uma sociedade, nem sempre conseguem ser combatidos no processo educacional, mas eles podem revelar a forma como a diversidade lida com seus desafios, entre a sobrevivência e a consciência social. Resta-nos apostar na Educação como discurso longínquo, sistêmico, amplo e quase vago... ninguém discorda de que a educação é fundamental, mas nem todos afinam em suas finalidades.

Para Brandão, “A educação existe no imaginário das pessoas [...] com missão de transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e de outros. Mas na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou que inventa que pode fazer [...]” (BRANDÃO, 1981, p. 11).

Como, diante de um público que se agrega para discutir cultura e ciência, encontramos respaldo para pensar educação de forma emancipatória, consistente e combativa, nos enfrentamentos de uma sociedade que apesar de diversa, encontra-se cada vez mais dividida, obtusa, coercitiva, intolerante, indiferente? Qual nosso fôlego para desvelar esta lente turva que tem nos enredado para horizontes pouco transgressores, constrangedores e até perversos? Quais as opções de trabalho pedagógico para combater este olhar de precipitação, que não tem nos deixado perceber as armadilhas nas encruzilhadas?

Aí eu já entro no segundo momento do texto:

PORQUE EU PENSO SER A SOCIEDADE COM SUSTENTABILIDADE: UMA META DE DIFÍCIL ALCANCE?

Boaventura de Souza Santos em seu livro “A gramática do Tempo”, afirma que existem “seis formas de poder principais nas sociedades capitalistas contemporâneas: o patriarcado, a exploração, a diferenciação desigual, o fetichismo das mercadorias, a dominação e a troca global desigual” (SANTOS, 2010, p. 36). A compreensão de que nossas realidades estão implicadas nas realidades de outros povos é fundamental para compreendermos o tamanho dos nossos enfrentamentos. O conceito de “nação” entra em choque quando pensamos política, tendo em vista a impossibilidade da perspectiva ilhada de sociedade. Isto significa compreender os rumos da sociedade para além dela mesma, e as intensidades de efeitos (para bem e para o mal) que as conexões com o mundo do outro, nos imputa.

Entender a Diversidade como um elemento de tensão é compreender esta dinâmica transnacional que volta aos holofotes por aspectos importantes e por vezes desumanizadores, como quando analisamos a questão da imigração e do advento das intolerâncias políticas e religiosas que refutam intolerantemente os deslocamentos humanos, mas rompem fronteiras para o deslocamento de mercadorias. Sociedades que

assistem inertes ou estupefatas ao dismantelo das éticas humanitárias, em detrimento do fetiche do capital.

Por tudo isto, penso ser a sustentabilidade um sonho pouco possível neste universo enviesado de mercantilização da política e da educação hegemônica, a ela atrelada. Resta-nos, porém, falando de esperança, a perspectiva transgressora da cultura e da educação. Se elas existem, neste território de diversidades, precisamos aprender a perceber onde residem as diferenças e as conciliações possíveis, isto pode estar em um fenômeno interessante, por vezes ignorado, a *comunicação com o mundo do outro*.

Para Boaventura, “Em face das relações de dominação e de exploração profundas e de longa duração, que a modernidade ocidental capitalista instaurou globalmente, devemos-nos centrar na diferença entre opressores e oprimidos e na diferença entre os que, de várias perspectivas e lugares, lutam contra a opressão” (SANTOS, 2012, p. 35).

Esta discussão de identidades, coletivos, local e global, suas contradições, dissabores e expressões de resistência, tem sido debate faz tempo no território da academia. É fundamental contrapor à perspectiva determinista da globalização e encontrar brechas na possibilidade irreverente de resistências e teimosias em diferentes partes do mundo que estão se conectando, sem desmerecer o potencial dos locais.

Segundo o geógrafo, Milton Santos (2012, p. 170):

A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade.

A ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única que os constitui em sistema. A ordem local é associada a uma população contígua de objetos, reunidos pelo território, como territórios, regidos pela interação.

No primeiro caso, a solidariedade é produto da organização. No segundo caso, é a organização que é produto da solidariedade. A ordem global e a ordem local constituem duas situações geneticamente opostas, ainda que em cada uma se verifiquem aspectos da outra. A razão universal é organizacional, a razão local é orgânica. No primeiro caso, prima a informação que aliás, é sinônimo de organização. No segundo caso, prima a comunicação.

Vejam, o que a fala de Milton Santos nos revela? Primeiro que é importante que a gente não se iluda com os efeitos nefastos da globalização sobre o local. Segundo, que de posse desta consciência, é fundamental que a gente perceba de forma dialética, os processos de fortalecimento e diferenciação que os locais também imprimem nesta relação de idas e vindas.

Na lógica de Santos, apesar da relação de caráter estruturalmente desigual, o que vem “de fora” não transita sem se bater com os acordos locais que podem reeditar e até

confrontar suas possíveis intervenções. Ou seja, a relação é “negociada” nas tensões e acordos arriscados tanto na perspectiva hegemônica, como na possibilidade da contra hegemonia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encontrar as possibilidades de fortalecimentos de contra hegemonia, temos as pistas possíveis: na ciência socialmente referenciada, na educação de responsabilidade social, na cultura de reconhecimento da diversidade, nas organizações e lutas coletivas e ... na consolidação da democracia. Dito isto, podemos afirmar que não há sustentabilidade possível na sociedade de consumo regida pelo capital, assim como dificilmente se construirá uma sociedade sustentável, se esta não tiver zelado pelos princípios humanitários e civilizatórios. A mercantilização da política, da educação e da cultura, coloca em risco a vida em sociedade. Daí a batalha incansável, daí o horizonte longínquo para pensar educação emancipatória.

Creio que estamos diante da responsabilidade de, com ousadia e teimosia, demarcar nosso lugar de direito. Precisamos cada vez mais pesquisar, estudar, socializar, fortalecer perspectivas científicas que consigam por sua vez alcançar o cotidiano das pessoas de forma horizontalizada e consistente na busca pela consciência ambiental e sociocultural da população. Precisamos ser capazes de discernir os reais problemas da sociedade e as principais estratégias para enfrentá-los na perspectiva local, global, dos coletivos organizados, das lutas sociais e conectadas aos princípios da democracia e justiça social. Isto que digo não é novo, é um debate educacional que só faz sentido quando conectado à uma visão politécnica de educação, aquela que, segundo Saviani (2003), compreende a tecnologia atrelada à ciência, à história e à cultura...

Por conta disto, reitero o meu sincero apreço pelo convite em participar deste evento do ENCCULT para falar sobre Ciência e Cultura, falando de diversidade e sustentabilidade em uma terra que enriquece de forma peculiar e espetacular a história e a cultura do Brasil, a terra de Zumbi dos Palmares, a terra de Graciliano Ramos, a terra de Rachel de Queiroz, a terra do poeta Jorge de Lima, para citar alguns... Imaginando quantos e quantas não foram as grandes inspirações para eles.

Encerro o texto, com um poema do próprio Jorge de Lima que de forma lúcida e crua, solapada pela mistura, traduz a nem sempre harmoniosa construção da *Diversidade*, neste Brasil tão plural das Alagoas nos anos quarenta,

DEMOCRACIA

Punhos de rede embalaram o meu canto
Para adoçar o meu país, ó Whitman.
Jenipapo coloriu o meu corpo contra os maus-olhados,
Catecismo me ensinou a abraçar os hóspedes,
Carumã me alimentou quando eu era criança,
Mãe-negra me contou histórias de bicho,
Moleque me ensinou safadezas,
Massoca, tapioca, pipoca, tudo comi!
Bebi cachaça com caju para limpar-me,
Tive maleita, catapora e ínguas,
Bicho de pé, saudade, poesia;
Fiquei aluado, malassombrado, tocando maracá,
Dizendo coisas, brincando com as crioulas,
Vendo espíritos, abusões, mães d'água,
Conversando com os malucos, conversando sozinho,
Emprenhando tudo que encontrava,
Abraçando as cobras pelos matos,
Me misturando, me sumindo, me acabando,
Para salvar a alma benzida
E meu corpo pintado de urucu,
Tatuado de cruces, de corações, de mãos-ligadas,
De nomes, de amores, todas as línguas de branco, de mouro ou de pagão.

Alagoas, 1937.

Muito obrigada!

Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante
ENCCULT. Maceió, 13 de agosto de 2019.

REFERÊNCIAS

1. AL-DIN, Khawajah Nasr. O sermão de Nasrudin. In: COSTA, Flávio Moreira da. (org). **Os cem melhores contos de humor da literatura universal**. Rio de Janeiro. Ediouro. 2001
2. ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Vozes LTDA. 2012
3. BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs). **Escritos da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 218-227.

4. BOURDIEU, Pierre. **Os usos da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
5. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 3ª edição, São Paulo, SP, 1981.
6. CANTET, Laurent. **Entre os Muros da Escola**. Filme. “Entre les Mus” gênero: drama/tempo de duração: 128 minutos. França: 2007. Site oficial: <www.sonyclassics.com/theclass/estúdio>. Sony Pictures Classics / Imovision. 2007.
7. HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs). **Identidade e Diferença**. Petrópolis, RJ. 2007.
8. LEHER, Roberto. **Análise preliminar do future-se**. 2019. Disponível em: <<https://avaliacaoeducacional.com/2019/07/23/roberto-leher-analisa-o-future-se/>> Acessado em 10/08/2019.
9. LIMA, Jorge de (1893-1953). **Poesia Completa**. Volume Único. Rio de Janeiro. Nova Aguilar. 1997
10. OLIVEIRA, Francisco. **Brasil**: uma biografia não autorizada. São Paulo. 1º ed. Boitempo Editorial. 2018
11. SANTOS, Boaventura de Souza. **A Gramática do tempo**: para uma cultura política. 3ª Edição. São Paulo. Cortez Editora. Coleção para um novo senso comum. 2010.
12. SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da USP, 2012.
13. SAVIANI, Demerval. O choque teórico da politécnica. Debate. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. 1(1):131-152, 2003. Disponível em: <<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r41.pdf>> acessado em 23 de março de 2019
14. SERQUEIRA, Carla. Civilização escravista. Reportagem. In: Alagoas Nação Zumbi. **Revista Graciliano**. Edição 28. Maceió. Imprensa Oficial Graciliano Ramos. 2016.
15. SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs). **Identidade e Diferença**. Petrópolis, RJ. 2007.